

BRINCADEIRAS DE IRMÃS

Odeio-te, sabes? És minha irmã e, ainda assim, odeio-te, sabes? Não, é claro que não sabes! Como poderias sabê-lo? Adivinha-lo, ao menos? Alguma vez o adivinhaste, enquanto, e por tua insistência apenas, brincávamos com a casa-de-bonecas, da qual, aliás, eu nunca gostei? Ou enquanto corríamos pelo jardim daquela que foi a nossa casa, e que hoje, felizmente, já não existe?

Como, aliás, não deveria existir nada do que fomos, enquanto lá habitámos e, no entanto, existe, muito para além da minha vontade, fazendo-me acordar a meio da noite sufocada pelo ódio, farejando-me, pelo corpo fora, à procura do cheiro que nunca lá estive, palpando-me em cada milímetro de mim, à procura das mãos que também nunca lá estiveram. E deveriam ter estado, não é?

E teriam lá estado, talvez, se não fosses tu! Se não fosse esse teu ar frágil e desprotegido! Se não fossem esses olhos enormes, húmidos e eternamente espantados, com que olhavas o mundo e nos olhavas a todos e o olhavas a ele, enquanto te rias como uma tonta e te pavoneavas pela casa com as costas do vestido desapertadas.

Hoje, mais do que nunca, odeio-te! Odeio o teu ar, composto e bem-comportado, nesse vestido preto que faria qualquer outra mulher parecer banal e que, a ti, te faz brilhar como nunca, ajudado por esse cinto que te envolve a cintura, como te terão envolvido as mãos que deveriam ter sido só minhas e que nunca foram minhas, nem sequer por um momento.

As mãos... lembras-te das mãos? Sempre cuidadas, masculinas, mas macias. Perfumadas e de unhas impecavelmente cortadas. Mãos poderosas, de quem não sabe o que é ser desobedecido. Mãos que escolhiam e que, ainda assim, nunca me escolheram.

E, no entanto, deveria ter sido eu, não é? Porque eu era mais velha, porque eu era mais inteligente, porque eu era mais atenta e mais amorosa. Mas não! Tinhas de ser tu! Tinhas de existir tu, sempre com os teus medos, com as tuas quedas e com os teus arranhões, com esse teu beicinho triste ou amuado, de acordo com aquilo que te fosse mais conveniente no momento. Tu com a tua vozita rouca, sumida, quase sussurrante, como que a pedires desculpa por existires, ao mesmo tempo que tudo em ti gritava: Estou aqui!

Não eu! Nunca eu, porque eu era destemida e corajosa, porque eu nunca amuava e raramente deixava que me vissem chorar. Porque eu perguntava e me interessava por tudo o que lhe dizia respeito, porque eu o esperava à entrada, adivinhando-lhe o cansaço ou a irritação. Lendo-lhe nos olhos a vontade de silêncio ou sentindo-lhe na voz, numa nota mais fremente, mas quase imperceptível, a urgência da carne.

Porque deveria ter sido eu, percebes? Sempre eu. Nunca tu, nem nunca ela, sequer, na sua vacuidade fútil, feita de

jogos de canasta e obras de beneficência e comprimidos para os nervos.

E também nunca nenhuma das outras, nos seus estúpidos decotes, nas suas gargalhadas idiotas, na sua idolatria acéfala. Nunca. Nenhuma.

E tive de as aguentar, a todas, hoje e sempre. E tive de te aguentar, a ti, hoje e sempre. Quando, pelo menos hoje, ele deveria ter sido meu, só meu. Mas não! Tinhas de estar lá tu, a centrar em ti todas as palavras, todos os olhares, todos os abraços, enquanto eu, a um canto, fingia distrair-me com as flores e as mensagens de condolências, torcendo, entre as mãos, um lenço de cambraia dessa criatura absurda a quem chamamos mãe.

A notícia chegou de repente, a meio da noite, com um telefonema da minha irmã, com a voz tão azeda e amarga como sempre, apenas um pouco hesitante, em tremuras que ela queria, a todo o custo, disfarçar. E, penduradas dessa voz, as palavras: o pai tinha morrido. E, de seguida, a descrição: uma dor súbita no braço e no peito, a mãe a telefonar para o 112, o médico e a ambulância, as manobras de reanimação e a mãe a chamá-la, a ela é claro, pois poderia lá ser de outra maneira?

E, com a notícia, a minha incredulidade, dada a impossibilidade absurda de tudo aquilo, porque, eu sabia-o, o meu pai não morreria nunca. Ele não!

Porque, afinal, morrer é algo que acontece às pessoas comuns e o meu pai não era, nunca o foi, uma pessoa comum.

A minha mãe, sim. A minha mãe morrerá um dia, como morreram os meus avós e como morreram o tio António e a tia Benilde. A minha irmã morrerá um dia, como morreram, já, alguns amigos meus, por doença, acidente ou cansaço com a vida. Talvez eu própria venha a morrer, algum dia, por esses mesmos motivos ou outros, uma vez que à morte não faltam recursos nem criatividade.

Mas não o meu pai! Esse não, esse não morreria nunca e, por isso, o absurdo e a incredulidade a adensarem-se dentro da minha cabeça, tomando conta dos meus pensamentos, das minhas palavras e dos meus gestos. Porque nada daquilo podia ser verdade!

Porque o meu pai não morreria nunca e, dado que ele não morreria nunca, decidi voltar a deitar-me e adormeci, sonhando com ele até ser manhã.

E por já ser dia e o sol entrar pela janela, ao mesmo tempo que o telefone, ou os telefones, talvez todos os telefones do mundo, soavam, estridentes, no meu apartamento, abri os olhos. E, tal como eu sabia, ali estava ele, o meu pai, como todas as manhãs: sorridente e trocista, acenando-me da moldura de prata que descansava sobre a mesa de cabeceira, que fica do lado direito da minha cama.

Levantei-me, com a firme decisão de ignorar toda aquela urgência de telefones que insistia em tocar, misturada, agora, com o que me parecia ser o toque histérico da campainha da porta.

Não quero saber! Não quero ouvir. Não aconteceu nada! Não deixes que aconteça nada! *Chiu! Não tenhas medo!* Como antes, quando o corredor da casa era enorme e as noites intermináveis. Como antes, quando... Não!

Está tudo bem! Vou tomar um duche, vestir-me, tomar o pequeno-almoço e sair para o trabalho, na sede do partido. Como todos os dias. Porque não aconteceu nada e, por nada ter acontecido, não encontro razão para os telefones e para a campainha que não param. Não encontro razão para as pancadas na porta nem para o que me parecem, agora, ser os

gritos da minha irmã, de mistura com a voz, algo alarmada, do meu vizinho do lado.

Não encontro razão, porque tu estás aí, como todos os dias, acenando-me da moldura de prata, sobre a mesa de cabeceira do lado direito da cama, garantindo-me que não morrerás nunca. E, sendo assim, está tudo bem, como sempre me garantiste que estaria tudo bem, dado que tu ali, junto de mim!

Mas, mesmo estando tudo bem, é impossível deixar continuar este barulho. Não tarda nada estará aqui a polícia e os bombeiros e os oficiais de justiça com uma ordem de despejo. E, caramba, eu não me posso dar ao luxo de um escândalo destes!

Olha que bonito algum jornalista dar conta deste desacato em casa da senhora deputada. Isso é que seria interessante! No partido, na Assembleia, eu sei lá, porque, afinal, isto não há nada melhor para esquecer os podres próprios, do que apontar para os podres do outro. E, convenhamos, que em matéria de podres, estamos todos muito bem-servidos.

Só para acabar com o barulho, e para evitar essas confusões, arrasto-me até à porta, que abro, num repente, quase fazendo com que o vizinho e a minha irmã caiam ao comprido no *hall*, desfazendo os crânios na enorme escultura de mármore, oferecida pelo meu penúltimo namorado (e que graça este eufemismo), um escultor de renome e completamente caquético, a quem toda a esquerda ilustrada presta homenagem, sem desconfiar da misoginia e da arrogância que lhe correm nas veias. Mas, enfim, deixá-los, nas suas ilusões pueris de amanhã que não-de cantar.

Depois da porta aberta, o turbilhão de palavras da minha irmã e o espanto nos olhos do meu vizinho, enquanto balbucia preocupações e temores vários, acerca do que me poderia ter sucedido, e desculpas, também várias, pela intromissão, bem-intencionada, é claro, sempre bem-intencionada. E eu a abominar as boas-intenções e, por via disso, a abominar o vizinho, todos os vizinhos, toda a cidade, todo o mundo.

Despeço a atenta e veneranda criatura, enquanto apascento a minha histérica irmã em direcção à cozinha, com o propósito de lhe servir o chá de tília que o seu destemperado momento exige. Mais gritaria: chás de tília com o nosso pai morto? E tu, morta também, ou pelo menos assim já o julgávamos nós, dado que tu, nada de respostas aos telefonemas, nada de atender à porta, nada de nada. E eu, com um suspiro, tentando explicar-lhe que o nosso pai não estava morto, que o nosso pai estava, como sempre está, na mesa-de-cabeceira, que fica do lado direito da minha cama, acenando-me, sorridente e trocista. Explicando-lhe que o nosso pai não morreria nunca, porque morrer é algo que apenas acontece às pessoas comuns e o nosso pai, como ela muito bem sabia, não é, de todo, uma pessoa comum.

E mais gritos e mais lágrimas e o chá a arrefecer na chávena, sem que ela lhe toque. Que eu estou louca, que talvez sempre tenha sido louca. Ou então, que eu estou, como sempre, a chamar as atenções todas para mim, a deixar toda a gente preocupada comigo, enquanto a mãe e ela... enquanto ela e a mãe. Porque sim, diz entre gritos, porque ela sempre soube que género de mulher eu sou, porque eu posso enganar

toda a gente, com os meus olhos enormes e inocentes, mas que não a engano a ela, que nunca a enganei a ela.

Mas eu não a quero enganar! Para quê? O que eu quero é que ela se acalme, que tome o chá e que perceba que nada do que diz faz sentido. Que o telefonema que a mãe lhe fez, a meio da noite, não fez sentido, que a dor no braço e no peito não fazem sentido, que o 112 e o médico, na sua desistência, não fazem, também, qualquer sentido.

Que nada daquilo faz sentido porque o pai não é uma pessoa comum e a morte, como todos sabemos, apenas acontece às pessoas comuns. E, por isso, só por isso, o pai está vivo, como sempre estará vivo, acenando, sorridente e trocista, de dentro de uma moldura de prata, sobre a mesa-de-cabeceira que fica do lado direito da minha cama.

O meu pai, que talvez seja o nosso pai, mas não, não pode ser o nosso pai, dado que meu pai, apenas, e não dela; dado que só eu para aconchegar nos medos das noites intermináveis, dado que só eu para abraçar na... Não ela. Eu, apenas eu. E, por isso, não posso entender toda aquela gritaria, nem as lágrimas, nem as acusações.

Não posso entender aqueles olhos cheios daquilo que me parece ser raiva e que não pode ser raiva, porque nós irmãs, ou não bem irmãs, mas irmãs. Os olhos cheios daquilo que me parece ser ódio e que, no entanto, não poderá ser ódio, porque nós, ainda assim, irmãs, porque nós sempre irmãs, mesmo depois de... Nós irmãs e, talvez por isso, o meu silêncio e, talvez por isso, a minha vergonha e, talvez por isso o meu medo.

Medo do seu sofrimento e da sua vergonha. Medo do seu medo. E eu, que era a irmã mais nova, a protegê-la. E eu, por

causa da sua vergonha, a calar. E eu, por causa do seu sofrimento, a calar. E a calar, falando, e a falar, calando. Sempre. Para que ela, que é a minha irmã mais velha e que, por isso, deveria proteger-me, não se envergonhasse, não sofresse, não temesse.

Para que não sufocasse, como eu, sob as pedras do seu próprio silêncio. Para que ela não morresse em cada noite, quando... como eu morri, em cada noite, quando... e a alma se me desfazia em estocadas que eram de vidro e eram de aço.

Como eu sempre morri, até me ver assim, nisto que hoje sou: muito mais morta que todos esses mortos, que habitam nos retratos amarelecidos, sobre as mesas-de-camilha, tão-pouco à vontade, todos, por se verem mortos, logo eles que jurariam estar vivos.

E estamos vivos, não é verdade? Vejam o meu fato de domingo e a camisa engomada! Como posso estar morto eu, se ainda agora o retrato, se ainda agora a boda, ou o passeio, ou a romaria? Ou então, vejam a renda do meu vestido novo e os bandós do meu cabelo! Como posso estar morta eu, se ainda agora o retrato, se ainda agora a boda, ou o passeio, ou a romaria?

E, no entanto, esquecidos, todos eles, sobre um-não acabar de mesas de camilha. Perdidos, todos eles, no espanto dessa eternidade, feita de retratos amarelecidos. Mortos, todos eles, numa morte que não entendem, feita de lápides e anjos de mármore e que, jurariam eles, nunca se deram conta de ter visto chegar.

Muito mais morta, eu, do que todos esses mortos, apesar de viva. E, por isso, não adianta que ela, a minha irmã, me grite

a morte do seu pai, que eu desconheço quem seja. Não adianta que me tente aborrecer com as suas lamúrias e as suas queixas. Não adianta querer incomodar-me com acusações que eu não entendo, porque eu estou morta, porque morri aos seis anos, três meses e quatro dias, quando...

Nada adianta já, como não adiantam os mortos, esses outros que habitam nos retratos, ao chamarem-me, nos seus *psius!* fraquitos e amarelados, nos seus *Oh menina, se fizer a fineza de nos confirmar que estamos vivos, nos nossos fatos de domingo e nos nossos cabelos de bandós*, reclamando a amabilidade de lhes dar um pouco da minha atenção, tal como reclamam a minha atenção as Testemunhas de Jeová, aos domingos de manhã, nas suas antecipações do apocalipse.

E não, não farei a fineza. E não, não terei a amabilidade. Falta-me o tempo. E falta-me a vontade, como me faltava a vontade quando... como me sobrava a vontade quando...

Que me deixem, por isso, os mortos, que não os oiço, como, agora, prefiro não ouvir as notas de raiva na voz da minha irmã, e que não pode ser raiva, já que nós irmãs. E que, no entanto, é raiva. Mastigada e cuspida em cada sílaba, como que se me esbofeteasse.

E o pai dela, que não é nosso pai, morto. E o meu pai, que não é nosso pai, vivo, sorrindo da moldura de prata, na mesa-de-cabeceira à direita da cama. E, entre tudo isto, a minha irmã, que não sei se é minha irmã, falando ao telefone com a mãe dela – que, essa sim, não é de certeza minha mãe – queixando-se de mim e da minha loucura, recriminando-me e ao meu egoísmo, criticando-me e à minha irresponsabilidade. Asseverando o seu cuidado e a sua preocupação. Penhorando

a sua atenção. Persignando-se, bendizendo-se nessa imensa graça de filha dilecta e extremosa.

E depois, na mesma beatitude dedicada e amorosa, em conversa com o agente funerário, concertando missas e anúncios de jornal, coroas de flores e enterros, câmara-ardente e basílica. E, em conversa com o presidente do partido – como se fosse ela, e não eu, a ter de tratar das coisas relacionadas com o partido – concertando homenagens e elegias. E, no meio de tanta azáfama, esquecendo-se de mim.

Esquecendo-se de mim. Como sempre se esqueceram de mim. Como sempre se esqueceram do meu medo, da minha vergonha e do meu silêncio. Como sempre se esqueceram da minha morte, aos seis anos, três meses e quatro dias, negando-me as coroas de flores e a câmara-ardente, negando-me a basílica e as missas, negando-me o retrato no jornal, as elegias fúnebres e as eternas saudades.

Negando-me para poderem continuar a negar, com isso, o corredor demasiado escuro e as noites demasiado longas, em que até as maçanetas das portas, habitualmente perras, se faziam silenciosas e cúmplices. Negando-me, e à minha morte, aos seis anos, três meses e quatro dias, e a essas tantas outras mortes, em que morri, depois. Negando-me, enfim, para que todos pudéssemos viver.

— II —

Querem então que vos fale acerca do meu dia de ontem, ou de hoje, ou de anteontem, ou de há três dias, que sei eu? E, além disso, também não me parece que este seja o momento para nos pormos aqui com esse tipo de preciosismos! Não são preciosismos, diz? É rigor?

Bom, tentarei, então, ser rigorosa. É que se não consigo precisar, com exactidão, qual a distância temporal que media os acontecimentos e este momento em que estamos aqui sentados, é apenas porque esse dia, de que querem que vos fale, começou muito antes de ser esse dia, ou seja, começou na madrugada do dia anterior, com um telefonema da minha mãe, anunciando-me que o meu pai estava a morrer, em casa.

Eu tinha adormecido – a que horas, pergunta? – talvez pela meia-noite ou meia-noite e meia – Não, não tinha saído, cheguei do trabalho – no atelier, sim! – pelas oito horas, tomei um duche para descontraír, aqueci qualquer coisa para comer no micro-ondas – Sei lá o quê! Olhe, sim, acho que empadão de carne, que a empregada tinha deixado preparado, no frigorífico. Ah! E fiz uma salada, de alface, já agora, para o caso de ser relevante para a investigação.